

Rodoferroviária vira moradia provisória para os migrantes

Valdeci Rodrigues

A Rodoferroviária se transformou em alternativa de moradia temporária para muitas famílias de migrantes que chegam a Brasília em busca de uma vida melhor. O Centro de Apoio Social (CAS), em Taguatinga, não tem condições de recebê-las porque sua capacidade de acolhimento está esgotada — 405 pessoas estão alojadas no local, muitas delas há mais de cinco meses. Cerca de 30 famílias de migrantes estavam na Rodoferroviária na manhã de ontem. Umas acabavam de chegar, outras não vêm a hora de conseguir uma passagem de volta para seus estados de origem.

“A vida está triste aqui”, queixou-se João de Souza Cruz, que contou não ter encontrado trabalho no Distrito Federal “nem para lavar roupa”. A esposa e os dois filhos ele deixou em Pernambuco. Está há 10 dias na Rodoferroviária à espera de uma passagem da Fundação do Serviço Social, “pedindo alimento para não morrer de fome”. Daqui, João de Souza quer ir para Curitiba, onde tem parentes e espera conseguir emprego.

Robervânia Amaro da Silva, 20 anos, chegou há dois dias com a mulher e dois filhos. Já foi padeiro e frentista de posto de gasolina. Espera arranjar a vida em Brasília porque para Jacobina (BA), de onde veio, não dá para retornar. “Lá não tem emprego, nem chove”, disse Robervânia. Vários amigos lhe informaram que no Distrito Federal ele poderia viver melhor.

Felicidade

As histórias dessas famílias de migrantes sofrem poucas variações. Querem trabalho e condições dignas de vida. Mas existe quem queira algo menos palpável do que isso. É o caso de Inês da Silva, mãe de três filhos. Alojada há 19 dias na Rodoferroviária, ela afirma que anda em busca da felicidade. Encostada no ombro do marido, ouvindo música num rádio-gravador, Inês Silva conta que chegou a Brasília faz oito meses. Agora quer uma passagem para Simão Dias, em Sergipe, sua cidade natal. Mas não pretende ficar lá. “Vou viajar mais. Isso aqui é tudo nosso, o Brasil é todo nosso”.

A vida incerta das famílias que não têm para onde ir acaba desnor-



Carlos Avelin

As refeições servidas pelo CAS atraem as famílias de migrantes

teando os filhos pequenos. Na manhã de ontem Keila Santos Silva, oito anos, dava banho no irmão mais novo. Enquanto ensaboava tranqüilamente a cabeça do caçula Kleiton numa torneira do pátio interno da Rodoferroviária, ela dizia não saber mais o nome do lugar de onde veio. “Acho que vim de Sergipe”, afirmava inocentemente.

Desprendimento

No CAS, as pessoas vão tentando prorrogar o tempo permitido para ficar no local. Segundo o encarregado de pessoal, João Juvêncio, os albergados deveriam permanecer ali por cerca de oito dias, com exceção dos casos de migrantes que necessitam de um tempo maior e que justifiquem essa necessidade.

“Estuda-se caso por caso”, afirmou João Juvêncio, ressalvando que essa deveria ser a norma.

Os albergados vão ficando, sempre arrumando uma justificativa para não ir embora. “Há pessoas que chegam e não querem sair”, disse João Juvêncio. O motivo é simples: além do alojamento, elas dispõem de café da manhã, almoço e jantar. De acordo com João Juvêncio, a meta é enviar todos a seus estados de origem, com exceção daqueles que conseguirem trabalho em Brasília. Nesta circunstância, o albergado recebe auxílio-aluguel para garantir o primeiro mês de sobrevivência fora do CAS. “São cerca de Cr\$ 40 mil”, informa João Juvêncio.